



Gaiato



Quinzenário • 9 de Janeiro de 1993 • Ano XLIX — N.º 1274 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

BENGUELA

A ambição mata sempre a paz

A TÉ quando, Senhor? Até quando nos fazes esperar por Ti? Este Advento põe à prova a nossa Esperança. Temos que esperar. Não fosse a Tua Palavra tão insistente, tão cheia de certeza, a esperança humana cairia por terra. Por isso esperamos.

És o Príncipe da Paz e a paz demora a chegar. O Teu povo vive inseguro e cheio de medo à espera da aurora dum novo dia, o dia da paz. Como se não lhe bastasse a falta de comida, de vestuário e calçado, mais o peso da doença e a falta de remédios, tem que viver ainda esmagado pelo medo da guerra. Até quando, Senhor? Que havemos de fazer?

A resposta é sempre igual: «Mudai os vossos corações: sentimentos, pensamentos e acções». Isto não fizemos, tanto quanto é preciso.

Mas o Vosso povo, Senhor...? Quando os responsáveis se atacam uns aos outros com a ameaça da guerra, onde estão os inocentes? A mãe com o filhinho às costas e outros pela mão, de cabeça a abanar, carregando as suas miseráveis coisas; as crianças sem escola e os homens sem trabalho. Que vida a desta gente que quer viver e não pode! Falar em nome do povo e para o povo, ao mesmo tempo que se prepara a morte deste mesmo povo... que contradição!

É tempo de Natal

É tempo de Natal. O mistério da Paz aparece envolvido em cenas de terror e desespero. Só um caminho: a conversão.

Hoje, de manhã, à saída da Missa do domingo, 2.º do Advento, o Lino vem ter comigo a pedir o tractor para levar o corpo duma criança ao cemitério. «Já está a apodrecer», diz ele. Horas antes tinha vindo à busca de três tábuas para o caixão. Este povo não tem nada: nem para viver nem para morrer!

É tempo de Natal. Estou a escrever olhando o mar. Ele bate de mansinho na orla escarpada cheia de austeridade e volta ao seu lugar. É um conjunto de rara beleza. Duas potências tão grandes e tão diferentes a respeitar-se segundo a ordem do Criador! É a ambição que mata sempre a paz.

É tempo de Natal. Quando os vossos olhos poisarem nestas linhas o dia já foi. Tivestes fartura, com certeza. Sem querer roubar-vos a alegria que brota do mistério do Amor, participai com renúncias voluntárias, sacrificadas, na construção duma morada humana, digna para o Menino que nasce em cada criatura. Aqui, também.

Da nossa parte estamos a juntar alguns sacos de farinha de milho, moído em nosso moinho, mais um pouco da de trigo, outro tanto de arroz e de açúcar para que a Festa aqueça o estômago da pequenina multidão que nos foi confiada. Deste modo a mensagem do Natal pode ser entendida.

Quem me dera ter alguns rebuçados para levar ao bairro e cantar o Natal com a pequenada! As crianças não perderam o sabor deles. Mas não tenho um sequer para lhes dar. Dizei isto aos vossos filhos. E um bolinho?... Não pode ser.

Feliz Natal!

Padre Manuel António

A Obra da Rua

A NTES do Concílio Vaticano II, celebrava-se a Festa do Santíssimo Nome de Jesus no domingo entre 1 e 6 de Janeiro, solenidade da Epifania do Senhor, ou em 2 de Janeiro se não ocorria domingo entre aqueles dias. Era a essa Festa que se ligava o nascimento da Obra da Rua pela devoção de Pai Américo que se cria obreiro dela em e pela força desse Nome «sem o Qual não há Salvação».

O 7 de Janeiro de 1940 em que ele levou os três primeiros Rapazes para Miranda do Corvo, nunca foi assinalado como data natalícia da Obra da Rua, antes esta evocação se fazia entre 2 e 5, portanto festa móvel dentro daquele breve período de quatro dias.

A Obra já era quando começou a primeira Casa do Gaiato

Como o Concílio em sua reforma litúrgica retirou do

Calendário a Festa do Santíssimo Nome de Jesus uma vez que todo o tempo do Natal O celebra; e porque, então, Pai Américo já não vivia cá — entendemos mais razoável que o dia da Obra da Rua fosse o dies natalis do seu Fundador, em conformidade com a palavra profética por ele repetida: «A Obra da Rua

começa quando eu morrer».

Na verdade a Obra da Rua já era quando começou a primeira Casa do Gaiato. Esta foi um fruto amadurecido de outros, também na assistência ao rapaz sem eira nem beira, que desde o Verão de 1935 vinham brotando nas Colónias de Campo em S. Pedro de Alva, em Vila Nova

do Ceira e, finalmente, em Miranda do Corvo, berço das Colónias antes de virar Casa do Gaiato. E como a Obra da Rua não se extinguía, nem se extingue, no amparo ao Rapaz, ela até vinha mais de trás. Se lhe quisermos encontrar uma data para origem, talvez a mais adequada seja o

Continua na página 4

SETÚBAL

Pobres

Acompanho, aqui na cidade, uma Conferência Vicentina de jóvens. É um grupo restrito, que isto de servir e sofrer com os Pobres não traz louros e acarreta sempre, além de trabalhos, muitos dissabores.

É uma actividade interiormente gratificante, mas só para quem se mete nela com fé e experimenta a alegria dada por Deus aos que persistem.

Na última reunião uma das raparigas trazia, amargurada, a sentença do tribunal que desalojava a família sua próte-

gida. São seis pessoas: mãe e cinco filhos, entre os quinze e os dois anos, nem todos do mesmo progenitor. A morada é um rés-do-chão, por baixo do primeiro andar, desabitado e destruído, cuja cobertura quase não existe. Compõe-se de três pequenas divisões, todas elas esburacadas, com a poeira, o lixo e a água de cima a cair por todos os lados.

Deixaram de pagar a água, a luz, tudo. E quem não deixaria, se se visse a viver nestas circunstâncias — quem?

Cont. na pág. 3

Conferência de Paço de Sousa

COLABORAÇÃO — A nossa colaboração com as vicentinas, para além da troca de experiências, é cada vez mais necessária em problemas onde a mão delas se torna eficaz.

Partilharam, agora, connosco, o caso duma acamada que não deveria ficar só... em plena noite de Natal. A vicentina opinou. Mexeu-se. Insistiu. Resolvendo o assunto a contento.

No que toca à festa de Natal, há muito que a gente não leva ofertas em espécie, aos Pobres. Tampouco os juntamos, à laia dos velhos bodos... que despersonalizam. Pousamos, sim, discretamente, na mão de cada um, o que houver por bem e lá preparam a festa à sua maneira.

Mas não há regra sem excepção! Um, que tem a fraqueza do copito (só o contemplamos no desconto da Segurança Social...), lembra «a consoada prá noite de Natal»... Escolheu, então, no merceiro, por sua mão, um bocadinho de tudo. A mulher da venda embrulhou. E o nosso homem — como vulgar cliente — levou para casa a sua grande fortuna: «Tenho o q' é preciso!»

Que dizer de legiões de Pobres, pelo mundo fora, sem a alegria destes?! Não vamos, já, aos esfomeados do Terceiro Mundo... Mas no pequenino Portugal: desempregados, viúvas, órfãos, doentes, abarracados, etc. Sobretudo todos os que amargam, na solidão, o despeso dos seus mais seus ou das comunidades onde estão inseridos. Nem sempre se dá fé deles!

PARTILHA — Assinante 14802 manda um cheque «para ajuda do Natal duma viúva. Gostava de enviar mais, mas não posso. Sou reformada e também viúva». Três mil, da assinante 34449, do Porto. Mais dez, da assinante 14493, idem, «com a certeza do vazio que me fica por não poder abarcar tudo o que desejava». Não é o vazio, mas a alma cheia!

Partilha, habitual, da assinante 31104, da capital, e «Deus se digne aceitar a minha intenção: tudo isto por alma dos meus entes queridos.» Cumpre-se a vontade de Deus!

Mais cinco mil, do assinante 21903, de Viana do Castelo. «Avó de Sintra» presente com uma dúzia. 1.250\$00 da assinante 8047, de Lisboa: «Um bocadinho para cada necessidade». Dois mil, da assinante 29053, do Porto; mil dos quais «de pessoa bem humilde que as destinava a um canceroso». Dez mil, duma assinante, de Tavira, que pede anonimato — nesta procissão de Anónimos.

Quinhentos, da viúva do assinante 13245, do Porto. Outra «migalhinha com muito carinho», pela mão da assinante 31254, de Fiães (Feira). O nosso Licínio manda cinco mil, de Paris. Toma lá um grande abraço! «Eu e Ela» presentes com cinco mil. Ela, porém, sofre

Pelas CASAS DO GAIATO

Notícias de Moçambique

NATAL (PREPARAÇÃO) — Como estamos no meio de uma grande aldeia, nesta quadra natalícia tentamos incentivar a população para a oração. Realmente, quase ninguém sabe o que é o Natal — palavra de que não se ouvia falar. O 25 de Dezembro era suposto ser o dia da família, se existisse!... Por isso, quisemos dar um sentido a estes dias de preparação. Assumimos uma oração diária durante o mês de Dezembro, mas na casa de cada um, de quem desejasse. Voluntários não faltaram, e temos que prolongar, pois ainda faltam muitas casas por onde passar, famílias que pretendem passe lá, no seu «pobre lar», a imagem de Nossa Senhora. Um factor fundamental e constante em nossas orações tem sido pedir chuva. Graças a Deus, Ele ouviu as nossas preces e tem mandado alguma... Que para estas famílias o Natal comece a ganhar um sentido religioso, vivido.

«**ACADEMIA DO BACALHAU**» — É uma associação de portugueses que se reúnem mensalmente para conviver. Como sabem da existência das nossas necessidades, dão um apoio incomparável! Não quiseram deixar em branco a quadra de Natal. Organizaram um modo de nos ajudar e aos demais que ainda continuam na rua, as crianças desamparadas: Colocaram uma árvore de Natal numa das rotundas da cidade, para que todos os que quisessem colaborar deixassem um contributo. Recebemos muitos. Calam um pouco as bocas que dizem que este povo não tem sensibilidade. Com muita

alegria vemos reacender-se a chama do Deus Menino..., que vai nascer no coração de cada criança da rua, quando, no dia de Natal, os nossos rapazes forem distribuir vestuário, calçado e alimentação pelas próprias ruas. (...) Os que estão a ser curados vão com alegria contribuir para cura dos que, há bem pouco tempo, eram seus colegas na própria vida da «rua».

COLABORADORES — Durante o mês de Dezembro tivemos a colaboração de dois seminaristas da Congregação Servos de Maria: o Damião e o Custódio. Ajudaram muito nas lidas da casa, escola e trabalhos diversos. Sempre dispostos a fazer o que fosse preciso. Ajuda preciosa na animação: os nossos rapazes aprenderam muitas canções e danças. Tanto que chegaram a representar vários números, na árvore de Natal. Agradecemos a sua disponibilidade e a vocação deles permaneça firme e frutifique.

BOAS FESTAS — Aproveite este pequeno espaço para desejar boas festas a todos que nos acompanham, na leitura d'O GAIATO. Que o próximo ano seja cheio de alegria. De modo especial mando um abraço às nossas Casas de Angola, que vivem um período de insegurança. Para eles, peço a Deus que os acompanhe e lhes dê muita Força. Deus é grande!...

Carlos Roda

doloroso calvário — amenizado pelo dom da Fé.

Um remanescente da assinante 28966, da Ericeira, «por alma do meu santo marido». Amor eterno! Assinante 38611, de Cête, com mil, «porque a pensão é pequena». Parte de valioso donativo enviado pelo assinante 17380, de Constantim (Vila Real): «Não posso olvidar as Conferências Vicentinas». Outra passagem, agora mais espaçada, de velha Amiga, do Porto, que deixa cinco mil: «pequena lembrança para o Natal dos Pobres». A presença do casal-assinante 11902, do Fundão, repartindo por vários sectores: «Mais dez mil para tornar um pouco melhor o Natal de um Pobre».

Vinte mil, do assinante 32928, de Lisboa: «Partilho com os vossos Pobres o meu subsídio de Natal». Três mil, da assinante 13171, de Nelas: «Espero, de futuro, não ser tão preguiçosa». O mesmo, da «Avó dos cinco netinhos», de Setúbal.

Retribuimos os votos de santo Ano Novo e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BENGUELA

OBRAS — Finalmente, as da casa-mãe estão nos últimos retoques. Houve um atraso grande por falta de materiais. Mas se tudo correr bem, passaremos o Natal ou Ano Novo lá dentro, pois a cozinha tem tudo para se

fazer a ceia de Natal! Depois, serão as obras nas casas 1 e 2, muito danificadas, principalmente os quartos de banho e janelas sem um único vidro. E não os há!

CAMPO — Temos colhido muito tomate, que dá para tudo e para todos. A cebola está a dizer: — Arrancai-me! Também há muito repolho, cenoura e pimentos. O milho está fora da terra. Tem sofrido com a falta de água. Esperamos que, brevemente, as bombas tirem boa água.

ANIMAIS — Nas pocilgas há 11 porcos. Esperamos que uma porca, daqui a meses, tenha mais porquinhos. Nos galinheiros há 22 patinhos. A primeira pata, do primeiro ninho, põe ricos ovos. Esperamos que volte a chocar antes de ir para a saborosa panela. Mais ao lado, noutra capoeira, está uma galinha do nosso Tozé. Ela deu que falar! Andou fugida com um galo e apareceu um mês depois, com 12 pintalhos. Mesmo com o som dos tiros chocou sem ninguém dar conta!

SAÚDE — Desta feita, eu estive doente. Dois dias de cama chegaram para afastar o mal que, às vezes, não pede licença para entrar. Estou pronto para outra...

Despeço-me com um grande abraço para todos os leitores. Passem todos um santo Natal e tenham próspero Ano Novo.

Casa do Gaiato de Benguela — C.P. 820 — Benguela — Angola.
Benjamim

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Tivemos um Natal muito divertido. Festejámos muito o aniversário de Jesus, da consoada à *Missa do Galo*. Não falando já da distribuição das prendas a toda comunidade.

ANO NOVO — É costume alguns rapazes irem a casa dos

seus familiares. Foram bastantes. Esperemos que tenham gostado de se encontrar com os seus mais seus.

GADO — Nasceram mais dois tourinhos. São alimentados pelos vaqueiros.

Abatemos quatro porcos para as festas de Natal e Ano Novo. Esperemos que nasçam, mais alguns para proveito da comunidade.

RETALHOS DE VIDA

RAFAEL

Entrei na Casa do Gaiato com dez anos. Estive na de Setúbal, minha terra natal; passado pouco tempo fui para Paço de Sousa.

O nosso Padre José Maria perguntou-me se queria ir para Moçambique, fundar uma Casa do Gaiato em Lourenço Marques. Eu, talvez inocentemente, disse que sim. E digo, pois foi para esta Casa do Gaiato que eu e todos os meus irmãos (não de sangue) que viemos, e os que iam chegando e fomos erguendo a Obra, que hoje, infelizmente, é um centro de treino da polícia.

Em fins de 1974, saí da Casa do Gaiato. Tinha então 20 anos. Pensando que já estava maduro para enfrentar a vida, não querendo acatar os conselhos do nosso Padre José Maria — para mim foi mais do que pai e mãe — passei horas amargas; e, nessas horas, muito me lembrei da Casa que abandonei! Agora, nada havia a fazer porque assim que o governo de transição veio, e tomaram conta da nossa Casa, tivemos que ir embora.

Então, pensava, a Casa do Gaiato nunca mais voltaria para Moçambique. Tanta falta cá fazia! Não podia acolher todos os rapazes da rua, mas os que recebia lá se faziam homens e aprendiam a ser alguém com futuro. Em vez disso, veio a polícia! E ficava apreensivo por, no meu dia-a-dia, ver as crianças da rua mais marginalizadas, sem sequer terem um bocadinho de pão para comer. Uns, porque os pais os abandonaram. Outros, por circunstâncias várias.

Muitas vezes disse: — A Casa do Gaiato faz falta! Estas crianças precisam, mas eu nada podia fazer. Mas se algum dia a nossa Obra para cá voltar, se precisar da minha colaboração, dá-la-ia de todo o meu coração. Deus assim quis. Hoje sinto-me outra pessoa! A Casa do Gaiato voltou e encontro-me a trabalhar nela. A minha vida é mais alegre. Posso ajudar estas crianças que tanto precisam, já que me ajudaram a ser homem!

Rafael dos Santos (Russo)



A legenda é do Carlos Roda: «Olhem para a alegria do Edson! Gostaria que ele aparecesse n'O GAIATO». Aqui está!

Os galinheiros já estão a andar normalmente. O «Carona» é o encarregado de dar de comer e beber a toda aquela numerosa família. E tem cumprido.

HORTA — Os campos estão a dar fruto: A couve, já grande e tenrinha, é um bom prato, em nossas refeições, da sopa a tudo o mais. A erva também cobre os campos, óptimo alimento para as nossas vacas — que dão o precioso leite.

TROPA — O nosso chefe-maioral, o Lupricínio «Repórter x» foi chamado à vida militar. Que tudo lhe corra bem.

Passará o cargo de chefe-maioral a outro mais responsável.

«Vitinho»

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

Estamos a enviar esforços no sentido de conseguirmos sede própria para a nossa Associação. Será um local adequado para a vida associativa.

No entanto, comunicamos aos sócios e amigos que temos uma conta aberta no BCP, Nova Rede, em Setúbal, com o n.º 55398059.

Aproveitamos para desejar, a todos, os nossos votos de santo Ano Novo.

Américo Correia

Correspondência de Família

À Obra da Rua; a todos os rapazes; a todos os Padres da Rua; aos Padres Manuel António e José Maria para que Jesus os ajude em tão nobre missão em África. Para o Padre Telmo, com a emoção dum filho, vai um Menino Jesus carregado de saudades e de amor destes filhos que nunca o podem esquecer: Manuel, Beta e Carla. Para o Calvário, para os Pobres e Doentes; a todos, um Natal muito feliz e cheio de Fraternidade.

De um filho da Obra da Rua; de um filho de Pai Américo; de um filho da Casa do Gaiato de Malanje; de um filho do Padre Telmo.

Vendas Novas, Dezembro/92

Manuel Fernandes

SETÚBAL

Continuação da página 1

Uma sentença

Agora vem o tribunal com machadada definitiva: — Rua!...

Meu Deus!... O tribunal faz cumprir as leis. O inquilino não paga; o senhorio tem os seus direitos. Neste caso a sentença faz justiça ao senhorio pondo na rua o inquilino e obrigando-o — teoricamente — a pagar quanto deve. Não faz justiça à desgraçada família que, sem nada, se vê privada dum direito fundamental, e dos mais urgentes, nestas noites frias de Inverno.

Esta sentença é, no mínimo, anticonstitucional. Viola a Constituição Portuguesa e ultraja quantos juram cumprir e fazer cumprir a mesma.

No frontispício de muitos palácios da justiça e por detrás da bancada dos juízes, nas salas de audiência, tenho visto a materialização do conceito de justiça no símbolo da balança. Assim entendemos que haverá justiça quando os dois pratos têm o mesmo peso e o fiel se encontra equilibrado.

Ora no presente caso nada disto acontece. O prato da balança do lado da família pobre precisava que se lhe facultasse o acesso a uma casinha. Mais ainda por possuir no seu seio cinco crianças desprotegidas de pai.

Poderão objectar-me que não compete ao tribunal essa tarefa. Que essas acções não cabem no âmbito do seu foro.

Mas então não caberá ao juiz analisar todas as circunstâncias e obrigar também as entidades que por dever necessário, num estado de direito, se esquivam ao cumprimento dos seus encargos?

Não se sinta o Ministro da Justiça no plenário completo de todo o executivo? Ou será que teremos de mudar o nome a este ministério e chamar-lhe, mais propriamente, ministério da execução das leis?

Se os tribunais são soberanos e o poder judicial independente, então que obrigue o próprio Estado a cumprir os seus deveres, quando possíveis pelo menos; em casos como este.

Se eu fosse juiz desta acção, obrigaria o Centro Regional de Segurança Social a pagar todas as rendas e suspenderia a sentença até que se encontrasse uma casa para esta família, pois que a espelunca onde ela vive é de si uma gritante injustiça!

O ambiente cultural fabricado pelos *mass media* e pela vida vazia dos homens é profundamente degradante dos critérios da *Justiça* e, por isso, a actividade vicentina dos jovens cristãos indispensável à sua formação cristã, para poderem ser arautos de uma nova evangelização.

Padre Aclio

Dum Reformado

É necessário ser humilde e confiante para entender e aceitar o testemunho de vida e o desprendimento deste Homem: «Junto envio cheque para distribuírem pelos meus irmãos pobres mais carenciados. Peço o favor de não mandarem recibo.

Minha mulher sabe do meu contributo para algumas Instituições, mas fica a saber muito pouco do que ofereço. Eu sou um modesto reformado e só com muitos sacrifícios temos vivido a nossa vida; pobremente, mas sempre de cara levantada.

Termino desejando a toda a vossa comunidade um Natal Feliz e um Ano Novo na Paz e na Graça de Deus.»

Duma Mãe

Uma mensagem escrita com erros ortográficos, mas

Prendas de Natal

bem marcada pelo coração de Mãe que a mandou:

«É com os mais respeitosos cumprimentos que escrevo estas letras para vos saúdar com muita alegria.

Pois está a aproximar-se o Natal do Senhor, a festa das famílias, e por isso não podia deixar passar esta tam linda data sem pençar nos mais carinciados pois são eles os que mais precisam de alguém para os ajudar a passar estes dias mais alegres e esquecer pelo menos por umas horas o que para traz ficou.

E por isso mesmo envio 10.000 para ajudar a alguma coisa.

Fico com muita pena de ser tam pouco mas é com muito amor que mando e faço votos

de um Natal muito Fliz e um Ano Novo cheio do melhor para vós.»

De Alma Universal

«Aqui mando um cheque de presente de Natal para Moçambique.

Com quanto amor e comoção vou lendo n'GAIATO as notícias sobre essa querida terra onde casei e vivi tempos felizes! Rezo todos os dias para que tudo corra bem, (e não aconteça a desilusão de Angola) e se consiga a Paz tão desejada.

Se tivesse menos dez anos, de certeza que iria ter com o Padre José Maria!...

O Senhor o ajude, a ele e a todos quantos lá estão a

ajudá-los. Padre Zé Maria deve estar feliz por sentir que a Obra é de Deus a agir através dele e lhe fornece «os arados e as foices, instrumentos de vida!» A fé e esperança lhe deve dar tudo isto. E... a nós também.»

E a nós todos também.

Dum Pai

É de um chefe de família. A família tem sido sempre a sua grande preocupação. Sentam-se todos, muitas vezes, à mesma mesa. Pais, três filhos e seis netos.

Eis parte da sua carta:

«O GAIATO, revolve-nos a alma. Quem não se sentirá conurbado ao ler o viver da senhora sozinha, naquele quarto; e o brado de Benguela por um gerador, nesta hora de vão dispêndio de dinheiros!...

Junto um cheque, gota de orvalho num mar de carências. Junto sobretudo o nosso agradecimento por tanto bem que o Senhor Deus vai fazendo.

Peço a bênção para o meu lar, sobretudo para os meus seis netos, para que sejam fiéis.

Com a minha Mulher fazemos votos ao Senhor que conceda às Casas do Gaiato as melhores bênçãos neste Natal.»

Amarga e saborosa

Nas vésperas de Natal passei pelo Abrigo em reconstrução. Era dia em que já poucos trabalham, mas aquele grupo de homens de cor andavam a labutar. Pareceram-me todos tristes. «Moramos ali naquele casarão.» Fiquei triste, também.

Dali fui ao encontro de alguns vicentinos. Combinámos levar-lhes prendas de Natal e ajudá-los na solidão. Entreguei-lhes um envelope que, pouco antes,

DOCTRINA



...que sete vezes ao dia invoca o Senhor...

• (...) O comboio da Lousã conduz para Miranda do Corvo o primeiro grupo de estagiários. Vamos mais cedo e levamos mais gente. Não que tenhamos mais recursos, mas sim por ser mais alto o número dos necessitados.

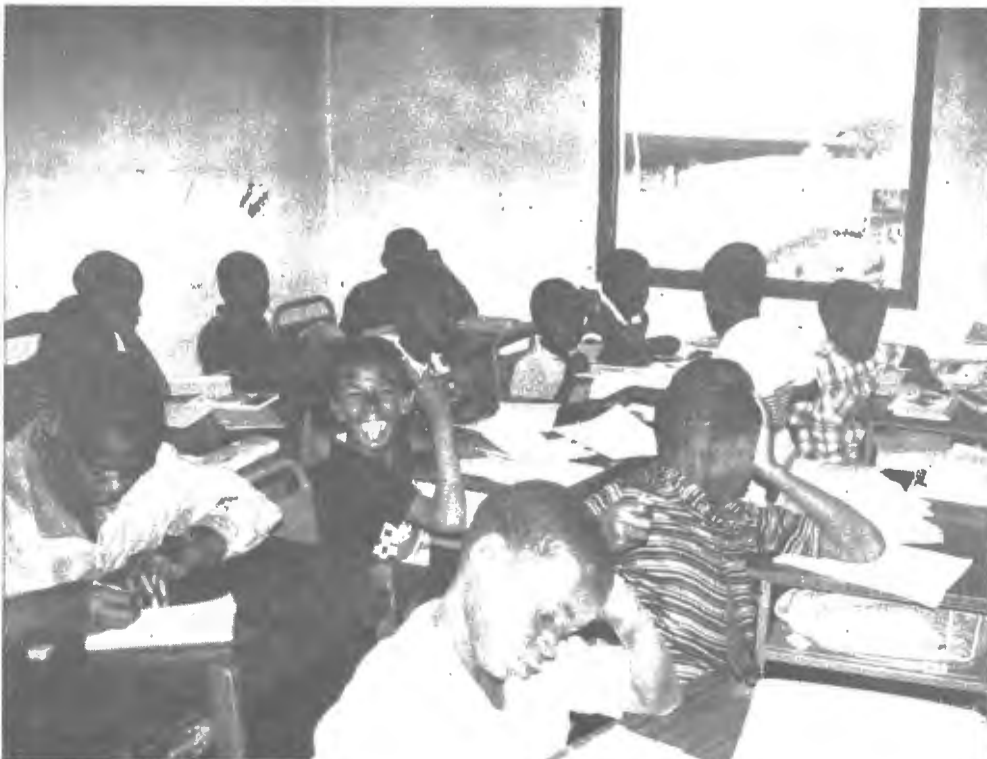
• As Obras vistas à luz sobrenatural da Fé não projectam sombras nem oferecem dúvidas nem causam receios; também não sofrem programas e resistem a orçamentos. Há uma mecânica interior responsável pelo equilíbrio destas Obras feitas fora e acima de toda a ordem; cuja medida é fazê-las sem medida; e eu de muito boamente daria a receita a quem na quisesse, se as experiências individuais fossem capazes de transmissão.

• O bom sementeiro, depois de lançar na terra o trigo, nada mais pode fazer do que esperar o dia da colheita, confiante. Assim nós, nestas searas vivas de crianças da rua. O sementeiro bem está na escola acertada dos pequeninos e no dar, a cada um deles, mesa bem posta e cama bem feita. Cumprindo isto, a colheita vem a seu tempo, de onde veio outrora o maná do deserto. E vem em medida certa, consoante as necessidades em que a gente haja de se constituir para o bem e por amor dos pequeninos da rua. São assim as Obras de Deus. Não nos tiram as aflições, mas com elas e por elas dão-nos o triunfo. E os observadores de tais Obras glorificam o Pai Celeste, acreditando mais e melhor nas promessas que Ele faz a quem no mundo serve a multidão dos lânguidos, por Seu amor.

• Encontram-se à venda as duas edições de *A Mulher, que tu já conheces*, e sabes o meu desejo acerca da obra. Dizem estar esgotada, aumentando assim o seu valor e preço, o qual fica inteiramente à conta da generosidade de quem quiser comprar. Não me digas que não. Às vezes recebe a gente, em troca de corridas e de passadas, este advérbio doloroso. Não digo que seja injusto, mas é muito duro. E por eu saber quanto custa recebê-lo, é que tenho grande dificuldade em dá-lo. Sente-se interiormente um vexame muito fundo; parece-nos, naquele momento, que o pedir é coisa vergonhosa e quem dera nunca mais topar a pessoa do não! É um duche formidável. Oh!, nunca digas a ninguém que a minha vida é suave. Quantas vezes não saio eu da presença destes senhores desorientado e, enquanto na rua tomo alturas para novo voo, chega-me à beira um rosário de pedidos para que eu faça aos que me pedem o mesmo que gostaria me tivessem feito — e faço, que as lições do *non* não são de tomar. Assim aconteceu, há dias. No mesmo lugar onde o *non* me feriu, aparecem dois pequenitos a pedir pão e uma mãe aflita quer que eu chame a contas o filho mais velho, que «já me não dá a jorna como dantes»; e um homem do Beco do Moreno quer que eu peça no quartel um «comerzinho, que nós passamos muita fome em casa». A todos dizemos que sim, sem tomar as lições do não.

O. Amín. 5!

(do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)



Casa do Gaiato de Moçambique — A Escola é um importante factor de promoção social.

um Amigo me havia oferecido.

Pedi a Jesus Menino, como prenda de Seu Natal, consiga que as pátrias destes e de todos os deslocados alcancem a paz e organizem a vida para

que possam regressar às terras onde nasceram.

Estas e todas as outras são Prendas de Natal para todos os nossos leitores. Aceitemo-las por bem.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

O Natal chegou. Mais uma vez é Natal! Com ele, uma procissão de percurso longo e acertado. São pastores e reis magos; gente de perto e de longe; simples e douta. Uma nota comum: «Não diga nada!...». São gestos escondidos, apenas de caras com Deus. Mesma luz a atrair: a Luz de Belém. É preciso alargar o caminho. A procissão ainda agora vai no adro. Eu prometo dar conta do andamento.

A abrir, um emigrante, amigo dos filhos pobres da sua terra, 150 francos suíços, «para que tenham paz reconfortável nos vossos corações». De um velho amigo 200 mil e «todas as bênçãos do Céu». É Coimbra a manifestar-se, por devoção e obrigação. Sem palavras, 10 contos. Um saltinho, de Leiria e, lá dentro, 10 mil e a amizade de sempre. Logo a seguir, 7 mil da Maria de Lurdes, de Coimbra, com o pensamento nos doentes do Calvário... e a pedir paz na terra aos homens de boa vontade. Mais 30 mil de Coimbra. Das nossas vizinhas, amigas que todos os meses

marcam presença, 8 mil e a intercessão do Pai do Céu «para poderem levar a cabo uma missão tão honrosa e tão difícil». Mais 8 mil, de Coimbra, «para participarmos da vossa consoada». É um casal.

Agora, um salto à Beira Alta: «Que Deus-Menino vos dê, em 1993, muita saúde para poderem continuar esta Obra maravilhosa que o querido Pai Américo chamou de Obra da Rua». Lá dentro, 15 notas. De Tomar, sem palavras nem nome, 20 mil. Da capital: «Para a consoada dos Rapazes dessa Obra tão importante», 1000 escudos. Mais 10 mil, de Coimbra, e «o Senhor vos cubra de bênçãos». Do mesmo sítio, mais 50 mil e «as maiores felicidades». Da Pampilhosa da Serra, 1.500 escudos; e de Condeixa, 5 mil. Apareceu também Castelo Branco com 5 mil.

Na minha ida ao Lar, 60 mil; e, em casa, a seguir à Missa, muitas notas pró bolso; tudo contado, 30 mil. Das bordadeiras do Museu Tavares Proença, de Castelo Branco, quatro cheques com nomes diferente — comunhão no

trabalho e também na partilha. Somaram 22 contos. Quando os distribuidores d'O GAIATO por lá passam, chegam sempre cheios de mimos.

Da Figueira da Foz: «Aceite esta pequena ajuda», 5 contos. Do Luso, a prima da Maria do Céu com 7 mil. No mesmo dia, 15 mil de Soure. Um pulo de Trás-os-Montes, com 100 contos e muita admiração por nós(!). Do Souto, 2 mil. Durante o dia — domingo — trazidos a nossa Casa, gota-a-gota, somou 98 mil. Graças a Deus!

De alguém que me obriga a cumprir o mandato: «Não saiba a tua direita o que faz a esquerda...», 10 contos. É costume. Na mesma altura, mais 3 mil, de Soure; e da Maria Odete, do Porto, cinco mil e cem.

Uma vez mais, Coimbra a marcar presença com cinco mil, «para a consoada dos vossos rapazinhos». E ainda Coimbra com outros tantos «dizeres» de amizade e admiração. Da Gabriela o desejo de santo Natal e 15 mil a acompanhar os ditos. As Boas-

-Festas da Junta de Freguesia da Sé Nova com 70 mil. O cheque já está no banco...!

Mais mensagem: «Enquanto puder nunca me esquecerei». Lá dentro, 50 mil e um pedido: «total anonimato». Mais 20 mil, de Cantanhede; mil, da Figueira; 1.500, de Mira; e 500, de Sesimbra.

No Lar, por mãos várias, 30 mil. Já ia a sair apressado, e 10 mil com a recomendação: «Sabeis melhor que eu onde é preciso...». Da Sílvia, em Coimbra, mais 10 mil. Aqui vai o «acuse recepção». Na «lojinha» do Fernando, tudo, somou 118 mil e uma rima de votos de santo Natal. Por duas vezes, de Pombal, caradas de roupas e géneros alimentícios; muitas lágrimas escondidas, muito interesse por tudo e a promessa de voltar.

Hoje, fico por aqui. Prometo voltar a dar contas do andamento desta procissão que outros romeiros vão entrar. Agradecido por este pensar e por esta partilha a iluminar o Natal de tantos.

Padre João

ENCONTROS

Maravilhosa experiência

A celebração do Natal nas Casas do Gaiato tem sido para mim uma maravilhosa experiência porque se sente a bondade de Deus para conosco manifestada através da bondade de muitos corações humanos que de nós se aproximam. Preocupações com as nossas Casas de África. Perguntas sobre as nossas carências. Carinho para os mais pequeninos. Interesse pelos estudos e profissões dos mais crescidos. Esta prenda, mais esta e ainda mais esta

para os nossos gaiatos. Ninguém quer que nos falte nada. E quanta ternura nos votos de Natal! Tudo isto é Graça. Na nossa pequenina prece damos graças a Deus e ficamos em dívida para com todos os que de nós se abeiraram.

Sempre tive uma imensa confiança na bondade humana. Fui educado a não olhar as pessoas pelos seus lados menos bons, mesmo quando isso me magoava. Era aconselhado a aguardar que viesse à luz do dia a bondade que cada um trazia em si. Às vezes sou olhado com suspeita porque dese-

EM LISBOA

jariam uma reacção imediata. Não estou arrependido de esperar o momento de ver aparecer a bondade de cada um, por vezes bastante escondida. Creio que é essa bondade que mais nos torna à imagem e semelhança de Deus. S. João diz que Deus é Amor. É o amor que mais nos dignifica e também é através do amor que o homem encontra a sua verdadeira unidade, fonte de alegria e de paz.

Épocas na história humana

Houve épocas na história humana em que se exaltava a espiritualidade que, ao desencarnar-se, levou a cometer excessos de loucura em que as vítimas foram os homens. Faltou o coração com a sua sensibilidade para encontrar caminhos de misericórdia e de perdão. Houve outras épocas em que se enalteceu a razão e, por sua causa, se cometeram barbaridades contra grupos humanos. Faltou o coração capaz de equilibrar com a sua dolorosa experiência os excessos racionais. A razão perdeu-se por não escutar o grito do coração humano ferido. Noutras ocasiões deu-se a primazia ao homem fazedor de coisas e as coisas ganharam o primeiro lugar nas relações humanas. O homem empobreceu-se na sua humanidade e no mercado da desgraça trocaram-se homens por

homens e coisas por homens. O coração humano ficou ferido e mudo. As desigualdades, injustiças, misérias acamparam no nosso mundo e ocuparam a cena com as suas macabras representações de guerras e mortes.

«Se queres a paz vai ao encontro dos Pobres»

Nas grandes assembleias internacionais e nacionais foi quase banido o falar-se de amor. Escutar a voz do coração parece um acto menor ou de uma menoridade ainda não controlada. Fala-se de leis, tratados, acordos... Onde ficou a riqueza humana que informa e fundamenta todo o caminhar solidário dos homens? Podemos perguntar: Onde fica a voz do coração?

O Natal tem este condão: liberta o coração das cadeias que a vida ao longo do ano lhe cria. É aqui que nasce o seu encanto, a sua paz, a sua alegria. O coração faz ouvir a sua voz. Vem ao de cima o seu ser de carne e o amor floresce.

O Santo Padre propõe-nos como tema de reflexão para o Dia Mundial da Paz o seguinte: «Se queres a paz vai ao encontro dos Pobres». É a proposta de uma aventura em que o coração faça escutar a sua voz de modo que a inteligência, a razão, a capacidade empreendedora do homem se dê um objectivo humano: dar a mão aos mais necessitados quer estejam próximos, quer se tenham tornado nosso próximo pela escrita e pela imagem.

Padre Manuel Cristóvão

A Obra da Rua

Continuação da página 1

dia de S. José de 1932 em que Pai Américo, ao ser liberto de outros encargos e entregue pelo seu Bispo dos cuidados da «Sopa dos Pobres», pôde exclaimar, feliz: «Vendo que não servia para mais nada, mandaram-me tratar dos Pobres. Era o que eu queria ouvir». Nessa data a Obra da Rua começa autenticamente na Igreja de Coimbra e não tardaria muito a estender a sua acção a outras Igrejas Particulares: primeiro a do Porto, depois a de Lisboa. E não restrita, apenas, ao serviço nas Casas do Gaiato, mas a todo o bem que delas tem irradiado, por graça de Deus, em prol dos Pobres que todos somos, seja dos bens fundamentais à vida humana, seja pelo vazio dos verdadeiros valores que prestam à Vida eterna.

Neste tempo de Natal evocamos o nascimento da Obra mais por uma razão mística do que histórica

Se, portanto, neste tempo de Natal, nos habituámos a evocar o nascimento da Obra da Rua, é mais por uma razão mística do que histórica. É que este é, por excelência, o tempo da Humildade: «Sem ela, nada»; daquela «pequenez» evangélica que encheu e transbordou da alma de Pai Américo: «A nossa Pobreza é a nossa riqueza»; do valor insuperável e insubstituível da família: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». E sempre uma oportunidade para desmitificar: «A Obra da Rua não é minha». «Tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, seja em Nome de N. S. Jesus Cristo», «sem o Qual nada é possível, com o Qual nada é impossível». «Doutra maneira seria desperdiçar».

Aos que nos amam e acompanham nesta hora de acção de graças, uma súplica incessante lhes pedimos: que a Obra do Pai Américo nunca se perca do «pequeno caminho» que ele lhe abriu e não perca o sabor ao Evangelho, «beleza sempre antiga e sempre nova», que é a sua força e faz o seu encanto.

Padre Carlos

Carta de Malanje

QUASE como em 75... Oito dias de guerra violenta. No fim, o saque da cidade. Armazéns, lojas e muitas casas particulares.

Para nós, somente o susto e os porcos e algumas vacas roubadas. Do mal — o menos.

Estamos bem e hoje tudo mais calmo.

Não há comunicações. Os carros não podem ir a Luanda pois as estradas estão cortadas.

Vai ser a falta de bens alimentares... Ainda bem que isto nos encontrou com algumas reservas.

Dai graças a Deus por essa paz e aproveitai-a bem.

Há muito que não temos correspondência! Sabe-nos tão bem uma cartinha vossa!

10/11/92

Padre Telmo



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tragem média por edição no mês de Dezembro: 72.600 exemplares.